

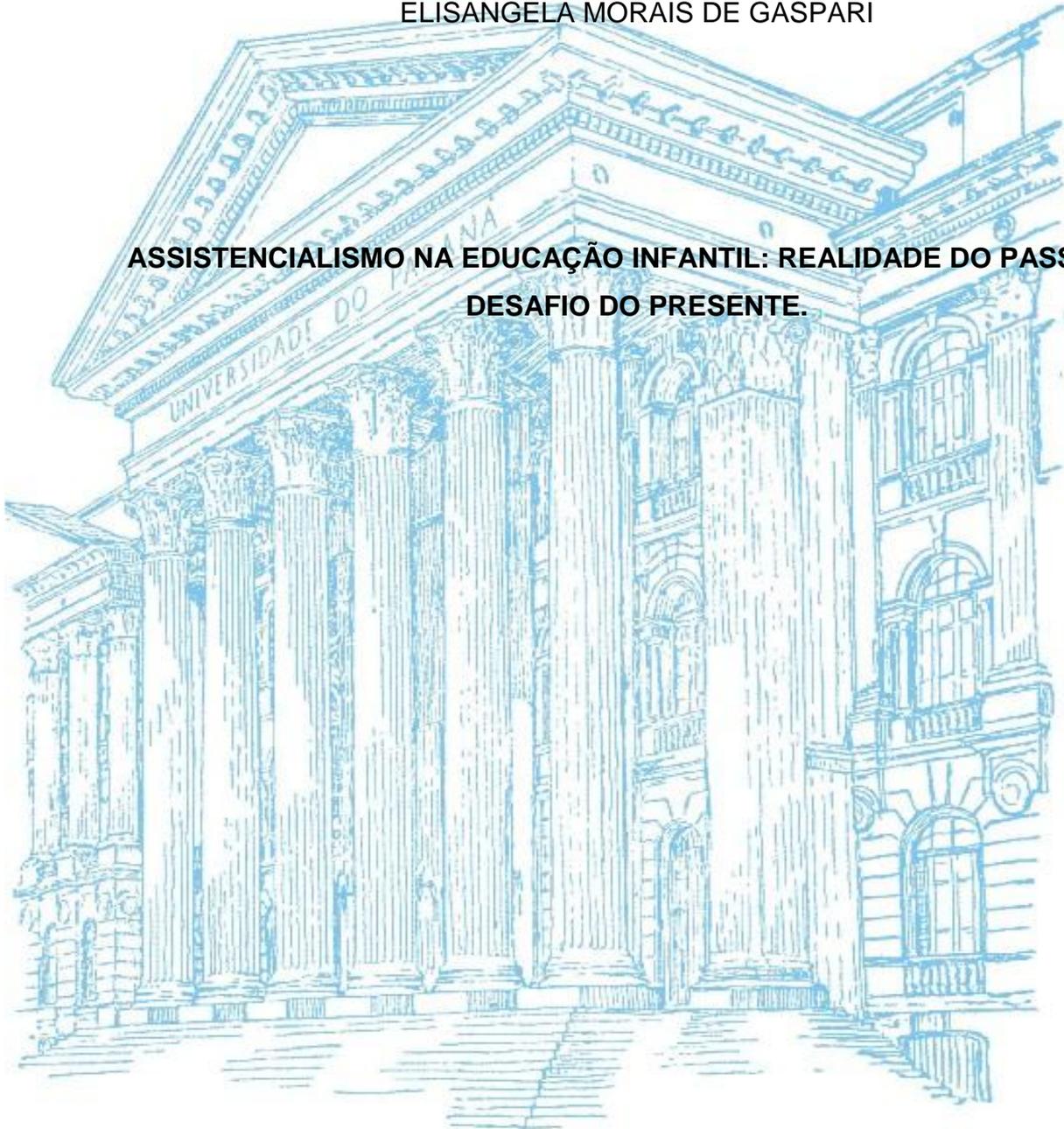
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

ELISANGELA MORAIS DE GASPARI

**ASSISTENCIALISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REALIDADE DO PASSADO,
DESAFIO DO PRESENTE.**



CURITIBA

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

ELISANGELA MORAIS DE GASPARI

**ASSISTENCIALISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REALIDADE DO PASSADO,
DESAFIO DO PRESENTE.**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): GISELLE CHRISTINA CORREA

CURITIBA

2014

ASSISTENCIALISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REALIDADE DO PASSADO, DESAFIO DO PRESENTE.

Elisangela Morais de Gaspari *

RESUMO

Este artigo traz à tona dificuldades existentes em instituições de Educação Infantil, que ainda nos dias de hoje enfrentam desafios a se transpor. O assistencialismo dos tempos primórdios ronda ainda os muros de algumas instituições, promovendo em alguns momentos um retroceder nos caminhos percorridos até os dias de hoje. A rigidez percebida em alguns pais ou profissionais, principalmente no que se refere aos pensamentos que definem as instituições de Educação Infantil atuais, como ambientes assistencialistas, tornam difíceis as atuações pedagógicas, deixando cada vez mais distante o ideal dessa etapa da educação básica. Mesmo com todas as dificuldades, a busca pela ruptura dessas consciências ainda se evidencia, mas longe ainda dos perfis atuais traçados para essa etapa da educação básica.

Palavras-chave: Assistencialismo na Educação Infantil – Educação Infantil - Cuidar e Educar

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de encontrar respostas nas diferentes referências que abordam a Educação Infantil, sob perspectivas que auxiliem a superação do pensamento assistencialista ainda existente em algumas instituições.

Procura-se, desta forma, nas diferentes fontes de pesquisas, teses, dissertações e artigos, ou mesmo referências analisadas, informações que possam trazer esclarecimentos quanto aos problemas que acabam por interferir na conscientização da sociedade quanto às tendências pedagógicas da Educação Infantil.

Na revisão de literatura, buscou-se nas obras e estudos atuais a elucidação das diferentes questões percebidas na instituição pesquisada, buscando desta forma confrontar teorias e vivências.

Através de observações ocorridas em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), na cidade de Curitiba, aqui denominado como CMEI “X”, percebeu-

*Artigo produzido pela aluna Elisangela Morais de Gaspari do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EAD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora Giselle Correa. E-mail: gisellezero@gmail.com

se por intermédio das vivências, falas e ações, a compreensão que essa parcela da comunidade dispensava ao trabalho efetuado na instituição, assim como suas impressões quanto ao cuidar e ao educar.

Foram percebidas, em várias situações no dia a dia da instituição, as falas que demonstravam equívocos referentes aos conceitos que dizem respeito ao cuidar e educar, ficando evidentes as concepções das famílias sobre a instituição e a Educação Infantil.

Alguns dos entrevistados consideravam como prestadora de trabalhos assistencialistas, e responsabilizavam a instituição por necessidades de saúde e assistência às crianças atendidas.

Essas interpretações trouxeram inquietações. Por essa razão, procurou-se encontrar na literatura algo relacionado aos estudos publicados, respostas que viessem de encontro às angústias sentidas, trazendo uma luz ao final do túnel e buscando, desta forma, elucidar questões referentes aos conceitos de cuidar e educar em suas funções indissociáveis.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 METODOLOGIA UTILIZADA NO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Pelas diversas experiências vividas na instituição de Educação Infantil estudada, optou-se por empregar a pesquisa qualitativa, como se referem Ludke e André (1986, p.11): “a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”.

Diante disso, além das referências bibliográficas e outras, encontradas em artigos científicos, embase de dados virtuais, toma-se também o papel do pesquisador e o resultado da pesquisa feita no local como fonte de pesquisa, o que torna o trabalho autêntico.

Selecionou-se o método de coleta de dados: a observação, que é descrita e definida como:

Tanto quanto a entrevista, a observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional. Usado como o principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. Em

primeiro lugar, a experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno. A observação direta permite também que o observador chegue mais perto da “perspectiva dos sujeitos”, um importante alvo nas abordagens qualitativas. Na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações. (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.26).

Sendo integrante do ambiente e do corpo docente do referido CMEI, o pesquisador define seu papel nesta pesquisa como observador participante, que é descrito por Ludke e André (1986, p.29), “...a identidade do pesquisador e os objetivos do estudo são reveladores ao grupo pesquisado desde o início. Nessa posição o pesquisador pode ter acesso a uma gama variada de informações, até mesmo confidenciais, pedindo cooperação ao grupo”.

Após observações sistemáticas dos profissionais, em momentos de estudos e permanência, análises das práticas em sala de aula e atendimento aos pais da instituição, foram inicialmente levantados alguns conceitos trazidos por eles em relação à Educação Infantil, ao cuidar e ao educar e algumas fragilidades nas relações começaram então a se evidenciar.

Uma questão que provocou muitas reflexões apresentou pontos frágeis na instituição, apresentando a necessidade de mudanças urgentes nos diálogos entre educadores e pais. Neste aspecto, verificou-se que “quanto à comunicação creche-família, a maneira tradicional (reuniões, bilhetes, recados, circulares) tem se revelado insuficiente para manter um contato frequente (...)”. Essa forma de comunicação, por ser estática, apresenta problemas (BÓGUS, 2007, p.4).

A comunicação com os pais, além de ser apresentada de forma fria e impessoal, restringia-se na grande maioria a comunicar aos pais sobre a saúde, alimentação e cuidados com as crianças, com raríssimos relatos que abordassem o desenvolvimento pedagógico.

Dessa maneira, continuava-se a reforçar aos pais, ou responsáveis, as percepções que já demonstravam equivocadas com respeito à compreensão do trabalho realizado no CMEI, relativos ao cuidar e o educar, e sobre as questões pedagógicas que norteiam o trabalho do professor.

A Educação Infantil no Brasil, e no mundo, nasce essencialmente da necessidade de se proteger e assistir as crianças pequenas e vem se moldando com o passar dos anos. Nessa questão, se acrescenta:

No Brasil até meados do século XIX o atendimento a criança de 0 a 6 anos em instituições como creches praticamente não existia, devido à estrutura familiar da época moldada tradicionalmente, onde o pai de família trabalhava em busca do sustento e a mãe cuidava dos filhos. (Na época a maioria da população se concentrava na área rural e pequena parte nas cidades, havia muitas crianças órfãs de escravos e índias (que geralmente eram frutos de abusos sexuais pelos homens brancos); estas crianças eram adotadas pelas famílias dos grandes fazendeiros. Nas cidades as crianças abandonadas eram recolhidas pelas rodas expostas que eram orfanatos da época (SILVEIRA, 2010, p. 03)

Pensada inicialmente com o caráter assistencial, a Educação Infantil no Brasil encontra seu lugar na Educação a partir da Constituição DE 1988, sendo efetivada pela Lei de Diretrizes de Bases, de 1996, a qual em seu próprio texto retrata um pouco dessa conquista:

O atendimento em creches e pré-escolas como direito social das crianças se afirma na Constituição de 1988, com o reconhecimento da Educação Infantil como dever do Estado com a Educação. O processo que resultou nessa conquista teve ampla participação dos movimentos comunitários, dos movimentos de redemocratização do país, além, evidentemente, das lutas dos próprios profissionais da educação (LDB, 1996 p. 7)

No caminho que vem se desenhando até os dias de hoje, a Educação Infantil ainda trava, junto às sociedades, uma ferrenha batalha para ter garantido seu espaço respeitado, como fica clara sua definição nos documentos que a norteiam:

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social (LDB, 1996, p. 12).

Todas as descrições sobre a Educação Infantil representam o longo caminho que essa etapa da educação básica vem percorrendo na sociedade. Ao se pensar em tempo de construção de novos conceitos, fala-se de pouco tempo para se reorganizar nesse corpo social as mudanças que agora a Educação Infantil ocupa.

Retornando aos espaços do CMEI, percebeu-se em algumas falas observadas em sala de aula, que não só os pais trazem estes pensamentos assistencialistas arraigados, mas as próprias educadoras, fruto muitas vezes de

deficiências na qualificação dessas profissionais, que estão atuando e que fazem parte do processo.

A formação das profissionais é, em algumas vezes, inferior à exigida em lei, já que o artigo 62, da Lei de Diretrizes e Bases diz:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, e oferecida em nível médio, na modalidade Normal. (LDB, 1996, p.68).

Percebe-se, com os acompanhamentos dos trabalhos, que com o conhecimento e as formações que os profissionais possuem, é possível fazer com que estes tenham a definição clara quanto a seu papel perante a formação da criança, seu papel enquanto mediadores com os pais, sabendo exatamente seu foco de trabalho. Com essa visão, Silveira descreve que:

O foco do profissional que trabalha com a Educação Infantil deve ser a formação e o desenvolvimento integral da criança, para isso é essencial que o educar caminhe junto com o cuidar, visto as necessidades dos alunos, que geralmente nesta faixa etária são bem mais dependentes e necessitam de cuidados permanentes (SILVEIRA, 2010, p. 34).

Cientes da importância do seu trabalho, os profissionais poderão continuar a desenvolvê-lo com maior confiança, podendo instruir também aqueles pais que ainda não conhecem os conceitos atuais. Tendo em conta a importância que os profissionais exercem na vida das crianças atendidas, Cury acrescenta:

Os educadores, apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, e sim por seres humanos” (Cury, 2003, p. 65; TERNOSKI, 2011).

2.2 ASPECTOS EM RELAÇÃO AO OBJETO DE ESTUDO

Em relação ao tema cuidar e educar Silveira (2010) retrata a visão que predominava no final do século XIX, sobre o atendimento de crianças de 0 a 6 anos:

Devido a necessidade encontrada foram implantadas instituições voltadas para o atendimento de crianças, porém o caráter era puramente assistencial, havia preocupação com a organização espacial e com a saúde da criança, não havia um trabalho de cunho pedagógico, era um trabalho assistencial (SILVEIRA, 2010, p.30).

As percepções que existiam sobre essa faixa etária ainda se mantiveram por muitos anos e, além das opiniões sem reflexões que foram fazendo parte dessa história, somaram-se as questões de caráter social.

Nessa mesma linha de abordagem, Gomes (2011) retrata o pensamento predominante até o final da década de 1980, no qual se pode perceber a visão predominante em Curitiba:

Destaca-se a atuação dos movimentos sociais dos anos 60, 70 e 80 em todo o país, em que se evidenciou um período de mudanças econômicas, políticas e sociais que refletiu na capital paranaense.

Consoante com os estudos de Souza (2004), no Paraná, as primeiras modalidades de instituições públicas se deram nos jardins de infância destinados a crianças de quatro a sete anos. Todavia, as condições para adentrar a estas instituições não ocorriam apenas por critérios etários, mas pela condição social das crianças e de suas famílias (GOMES, 2011, p.92).

Percebe-se nessas duas abordagens - que retratam épocas diferentes e mesmo com o passar do tempo, com cenário políticos e sociais diferentes, ainda assim se arrastavam os mesmos pensamentos assistencialistas que iniciaram com as rodas expostas, como afirmou Silveira (SILVEIRA, 2010, p. 3).

A história da Educação Infantil em Curitiba começa a tomar novos rumos na década de 1980, segundo o trabalho de Gomes (2011), como podemos ver:

Na primeira metade da década de 80, houve uma reorganização dos Movimentos de Associações articulados a outros movimentos que continuaram pressionando a administração pública pela construção de creches, o que resultou no documento intitulado "A creche que queremos", onde a população reivindica não qualquer creche, mas um local de qualidade para seus filhos, com profissionais preparados (GOMES, 2011 p. 98)

Nessa abordagem, nota-se um despertar de consciência com lutas iniciadas pela sociedade para mudar a realidade vivida e à qual seus filhos estavam expostos e que persistia em manter-se estática.

2.3 PRINCIPAIS CONCLUSÕES

Percorrendo as diversas pesquisas e literaturas utilizadas, verifica-se a não existência de abordagens específicas sobre o assistencialismo na Educação Infantil. Em muitos casos, os temas estudados perpassaram a questão, pois as visões sobre a Educação Infantil acabam sendo comuns, como descreve em conclusão Gomes:

A história do atendimento à infância pobre em nosso país, como em outros dependentes economicamente, se enviesou por um caráter assistencial e de baixos investimentos. Entrementes, como já assinalado, com as mobilizações e lutas da sociedade civil, movimentos e profissionais comprometidos com essa causa, a criança conquistou um lugar na legislação como cidadã de direitos (GOMES, 2011 p. 132).

Com o enfoque em formação de educadores na Educação Infantil, TERNOSKI, faz apontamentos sobre a visão que abrange a face assistencialista da Educação Infantil:

Desde o início da formação das primeiras classes de educação infantil, com os jardins de infância ficou claro que os objetivos da sua implantação estavam relacionados com a necessidade de um espaço para que as mães trabalhadoras pudessem deixar seus filhos pequenos, vinculados ao processo de socialização e oferecendo cuidados para a criança. Dessa forma, as classes de educação infantil estavam mais relacionadas com a questão econômica e trabalhista dos pais do que com o direito da criança à educação. Com a mudança de visão e a necessidade desses espaços escolares oferecerem muito mais que cuidado, com profissionais que contribuam para a socialização e troca de conhecimentos com seus alunos, a educação infantil ganhou novo enfoque na área educacional (TERNOSKI, 2011 p. 51)

Nestas duas abordagens podem-se perceber as visões assistencialistas que existiam e nasceram com a história da Educação Infantil; da mesma forma apresenta-se interpretações que se propõem ao presente e futuro da Educação Infantil, os quais estão descritos nos documentos que norteiam esta primeira etapa da Educação Básica.

Pontos convergentes, divergentes e complementares entre as análises dos diferentes autores.

Decididamente o caminho percorrido pela Educação Infantil é importantíssimo no que se refere ao retrato que este mantém na e para a sociedade, também se define dentro da própria Educação, por ser este incluído há pouco tempo como primeira etapa da Educação Básica, isto somente após a Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9394/96)

Considerando esta afirmação, vejamos o que acrescenta Gomes (2011) quando retrata especificidades da realidade curitibana:

O fato de os CMEIS migrarem da extinta Secretaria da criança para a Educação em 2003 não significou que à partir deste momento as creches (CMEIS) mudaram em suas atribuições, afinal, como se sabe, as educadoras faziam cursos diversos: psicomotricidade, estimulação precoce, oficinas pedagógicas, entre outros. Portanto é um equívoco, uma atitude a-histórica afirmar que antigamente não se educava (GOMES, 2011 p.146).

3 ANÁLISE DE INFORMAÇÕES COLETADAS

3.1 METODOLOGIA UTILIZADA PARA COLETA E ORGANIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Ao se estabelecer o tema estudado, foram delimitados os envolvidos a serem ouvidos e a melhor forma em registrar esses relatos. Para isto, utilizou-se das referências que abordavam as especificidades e que nortearam a sistematização desta pesquisa.

Utilizou-se do método da observação, abordado por Ludke (1986 p.29) como “observador participante”, pois o observador é parte integrante da instituição pesquisada.

Foi escolhido o CMEI, denominado como “X”, por ser este grupo de pais e responsáveis que evidenciaram os pensamentos a respeito do assistencialismo, fomentando assim as primeiras inquietações que se transformou em linha de pesquisa para este estudo.

O CMEI foi inaugurado no ano de 2009, atendendo a 150 crianças com idades entre 3 meses a 5 anos; conforme Projeto Político Pedagógico da Instituição, está localizado em uma área considerada até 2012 como ocupação, sendo reconhecida e organizada pela Companhia de Habitação Popular - COHAB, a partir de então.

Foram formulados questionários para pais e educadores e participaram aqueles que se propuseram a colaborar. Os pais que optaram por assim cooperar eram então encaminhados à sala da pedagoga, nos períodos da manhã e tarde, onde respondiam aos questionamentos, fazendo as considerações que julgassem convenientes.

Os pais foram informados da natureza da pesquisa, cientes de que não haveria nenhuma identificação da família ou criança, e que desta forma poderiam fazer as considerações convenientes às suas compreensões.

As educadoras que trabalham na Instituição foram convidadas também a participar e, desta forma, todas as vinte educadoras que compõem o quadro, receberam os formulários sem, portanto, ter a obrigatoriedade de respondê-lo.

Foram convidados 30 pais, destes 27 (vinte e sete) atenderam ao pedido, totalizando uma amostragem de 21,6%, pois o CMEI atende a 125 famílias.

As questões elaboradas visavam promover debates, ou mesmo comentários sobre os itens lançados. Desta forma, alguns dados foram contabilizados com porcentagens, e outros inseridos conforme expressos pelos participantes.

A primeira questão abordada referia-se à escolaridade dos pais:

ESCOLARIDADE DOS PAIS	
ESCOLARIDADE	QUANTIDADE
FUNDAMENTAL COMPLETO	09
FUNDAMENTAL INCOMPLETO	11
ENSINO MÉDIO COMPLETO	04
ENSINO MÉDIO INCOMPLETO	02
SUPERIOR COMPLETO	0
SUPERIOR INCOMPLETO	01

Percebe-se uma melhora na escolaridade da comunidade atendida, com bases obtidas através do Projeto Político Pedagógico da Instituição, elaborado em 2012. Neste documento, encontrava-se registrado que a maioria se designava com ensino fundamental incompleto, havendo pouquíssimas exceções que ultrapassassem essa etapa, como agora se pode observar.

Nessa perspectiva, verifica-se também que a maioria das famílias tem no CMEI apenas um filho, não significando que elas possuam apenas um filho na família. Verifica-se, como se segue:

NÚMERO DE FILHOS MATRICULADOS NO CMEI	
QUANTIDADE DE FILHOS NO CMEI	PAIS ENTREVISTADOS
01	22
02	05

03 OU MAIS	00
------------	----

A terceira questão indagada verifica se os responsáveis quando crianças tiveram oportunidade de frequentar creches ou CMEIS, e quais opções tiveram de cuidados nessa etapa da infância:

QUANDO CRIANÇA O RESPONSÁVEL FOI ATENDIDO POR CRECHE OU CMEI	
SIM	05
NÃO	22

Os responsáveis que responderam negativo a essa opção foram então questionados quanto às opções que tiveram de cuidados e desenvolvimento na infância, e o resultado apresentado foi o que se segue:

NA INFÂNCIA FORAM ATENDIDOS POR QUEM?	
MÃE	09
PAIS (PAI E MÃE)	04
IRMÃOS MAIS VELHOS	03
AVÓ	03
TIA	02
MADRINHA	01

Os cinco pais, que responderam afirmativo à frequência em creches ou CMEIs, comentaram o que ficou de recordação e o que foi significativo dessa experiência.

Um dos responsáveis comentou que: “foi boa a experiência” (esta mãe relata que foi boa a experiência em frequentar o CMEI, já que passou na infância, por várias situações difíceis, incluindo abandono da família e um tempo em orfanato até que pôde ser adotada por uma nova família); outro disse ter sido muito bem cuidado e se recordava das histórias contadas na creche; o terceiro informou que se recordava muito das integrações e que brincava com outras crianças; o quarto consultado lembrou-se da facilidade que tinha em aprender e o último disse “não se lembrar mais da experiência”.

As famílias foram questionadas sobre o motivo que as levou a procurar o CMEI para matricular a criança e, nesta questão, a resposta da maioria deve-se ao trabalho dos pais e a dificuldade em encontrar pessoas capacitadas em cuidar. Juntamente com esta indicação, foram apresentadas algumas outras respostas que são importantes registrar:

QUAL O MOTIVO DA FAMÍLIA MATRICULAR A CRIANÇA NO CMEI:	
RESPOSTAS APRESENTADAS PELOS RESPONSÁVEIS	QUANTIDADE
TRABALHO DOS PAIS	27
POR SER MELHOR CUIDADA	1
PELO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	1
RENDA BAIXA	1
MÃE VOLTAR A ESTUDAR	1
NÃO PODER FICAR COM A CRIANÇA NO TRABALHO	1
PARA FILHO TER CONTATO COM OUTRAS CRIANÇAS (FILHO ÚNICO)	1

Esse quadro vem complementar as respostas sobre o motivo pelo qual os pais matricularam os filhos no CMEI, já que todos responderam ser o trabalho o grande fator decisivo. Neste caso, é importante esclarecer que um dos critérios para priorização de vagas é o trabalho dos pais, sendo este precedido apenas pelo critério risco, onde se pondera os perigos que algumas crianças correm no ambiente familiar.

A próxima questão visa entender a capacidade de compreensão que os pais apresentam sobre a importância da instituição para as crianças e famílias e as respostas dadas foram diversas, como segue:

O QUE VOCÊ CONSIDERA IMPORTANTE NO ATENDIMENTO OFERECIDO PELO CMEI ÀS CRIANÇAS:	
CUIDADO	6
ATENÇÃO DADA ÀS CRIANÇAS	6
ENSINO	5
DESENVOLVIMENTO	4
EDUCAÇÃO	4
SEGURANÇA	3

APRENDIZAGEM	3
ATENDIMENTO	3
RELACIONAMENTO	2
ALIMENTAÇÃO	2
CARINHO	1
DEDICAÇÃO	1

Com essas perguntas percebe-se que as maiores preocupações que os pais possuem sobre os filhos, em relação à Instituição, dizem respeito ao cuidar, ou cuidados que mesmo com termos diferentes ainda se referem ao mesmo tema.

Na questão que aborda o atendimento e no que isso reflete na família, as respostas foram muitas e com teores diferenciados. Neste caso, cabem algumas descrições:

“Se não fosse o CMEI eu teria que pagar alguém e eu não teria condições financeiras e a educação oferecida aqui é muito boa”; “É uma ajuda para a mãe que precisa trabalhar”; “Não preciso pagar estranhos para cuidar e aqui têm pessoas capacitadas para cuidar”; “A Educação.”;” A segurança da criança”; “Para os pais trabalharem com tranquilidade”; “É importante porque atendem como se fossem seus próprios filhos”; “A criança aprende com músicas como por exemplo da comida, onde se incentiva a alimentação”; “ Em casa a mãe não consegue mudar a criança e ela percebe que na creche a criança está melhor”; “Fico tranquila para trabalhar, sei que está bem cuidada”; “Aprendizagem, a gente vê a aprendizagem e os avanços” “Ajuda até no relacionamento, o filho fala sobre o seu dia e sobre as tias”; “Ajuda as famílias que não têm com quem deixar”; “Ajuda a família pelo cuidado, sei que a criança está bem cuidada aqui e que têm horário para comer, brincar e fazer as atividades”; “Aprendizagem e fala da necessidade para o trabalho”; “A criança fica bem cuidada e a mãe fica mais tranquila”; “Desenvolvimento de criança e o interesse das crianças”; “Melhora o comportamento, desenvolvimento, aprende a dividir as coisas.”

Na visão das famílias entrevistadas são expressivas as afirmações que abordam as questões sociais, financeiras e assistencialistas. Mesmo com abordagens que indicam conhecimento e reconhecimento quanto ao desenvolvimento da criança, essas afirmações vêm sempre atreladas às questões dos cuidados.

Questionou-se também sobre as percepções que as famílias possuem sobre o asseio e conservação da Instituição e sobre a alimentação oferecida. Nessas duas opções, a maioria respondeu considerar o asseio e conservação como boa, mesmo percebendo que a Instituição está com paredes com traços de umidade e falta de manutenção. Quanto à alimentação, a maioria disse não ter ciência do que é oferecido, ou cardápios, mesmo expostos em local com fácil acesso na porta de entrada.

Foram abordados os conhecimentos possuem sobre o trabalho desenvolvido no CMEI e os resultados foram:

VOCÊ CONHECE O TRABALHO DESENVOLVIDO NO CMEI?	
SIM	12
NÃO	01
ALGUNS	15

Pelas respostas foram feitos questionamentos de quando e de que forma são apresentados os trabalhos às famílias, resultando nas seguintes afirmações:

QUANDO E DE QUE FORMA SÃO APRESENTADOS OS TRABALHOS DESENVOLVIDOS	
FINAL DO ANO E FÉRIAS (DIA DAS MÃES E NATAL)	16
ATRAVÉS DE ATIVIDADES ENVIADAS PARA CASA	4
NA PORTA DA SALA PELA MANHÃ	3
NAS EXPOSIÇÕES EM PAREDES	3
APRESENTAÇÃO DE DVD	1

Nos questionamentos foram relatadas respostas dadas pelos pais, sem opção alguma, para que expusessem claramente seus conceitos, sem influência com respostas prontas. Já na primeira resposta dada percebeu-se a necessidade de acrescentar ao questionário a pergunta sobre a participação da família em reuniões, já que este foi um item lembrado por eles. Nesse questionamento, os resultados foram:

VOCÊ PARTICIPA DAS REUNIÕES SOLICITADAS PELO CMEI?	
SIM	22
NÃO	2
QUANDO POSSO	1
ÀS VEZES	1

Pelas afirmações pode-se definir essa parcela de pais atendidos como participantes, mas não é a realidade apresentada no CMEI, visto que no ano anterior, em um sábado de integração com famílias, os pais participantes totalizaram 30, de um total de 125 famílias. Este CMEI conta com poucas participações em reuniões desde sua inauguração, sendo essas dificuldades relatadas em atas e documentos relacionados.

Nessa pesquisa, os pais que responderam não participar, ou participar quando podem e às vezes, relataram questões referentes ao trabalho para explicar as razões que os levaram ao fato.

Na mesma perspectiva perguntou-se aos pais o que estes compreendem sobre o CMEI, para isso se questionou: Como você vê o CMEI:

“Casa da gente, onde as crianças estão bem cuidadas”; “Segunda casa para as crianças, elas passam a maior parte do tempo aqui”; “Vejo como um lugar de alegria, aprendizagens e brincadeiras”; “Um lugar que recolhe a criança, melhora as famílias, são pessoas preparadas para atender às crianças e evitam maus tratos”; “Lugar de cuidar das crianças, lugar de desenvolver a criança e a mente”; “Lugar de desenvolver bem as crianças”; “Lugar de ensino”; “Botar as crianças para as mães trabalhar”; “Lugar de aprender, aqui tem educação e a gente aprende com eles também”; “Lugar de atendimento e cuidado com as crianças”; “Local para segurança”; “Local que ajuda as famílias”; “Ajuda as famílias mais carentes”; “Lugar para as crianças brincarem, terem boa educação e não ficarem na rua aprendendo malandragem”; “Lugar de criança”; “Um lugar de segurança para a criança, um lugar de confiança”; “Lugar de proteção, se ficasse com alguém não ficaria tão bem; um porto seguro”; “Segunda casa, tem segurança e as mães trabalham sossegadas”; “Lugar de aprendizado”; “Lugar de estudos e aprendizagens”; “Confiável”; “Dá pra deixar as crianças com segurança, pode trabalhar tranquila que as crianças estão

bem cuidadas”; “Cuida das crianças e ensina também”; “Educação”; “Ajuda às mães para o serviço e têm pessoas responsáveis para cuidar das crianças”.

Essas falas retratam um melhor entendimento que essa parcela de pais demonstra conhecer e reconhecer sobre o cuidar e o educar. Percebe-se, desta forma, a consciência demonstrada, retratando um pouco da condição de educação e desenvolvimento das crianças atendidas; fica também bem evidente a questão de confiança que a equipe de funcionárias estabelece com a comunidade, pois é citada por diversas vezes pelos responsáveis, descrevendo a relação com conotações de familiaridade. Esta questão fica mais evidente pelo próximo ponto proposto, no qual se solicita a descrição através da pergunta: Como você vê os funcionários do CMEI? E quando são obtidas as seguintes falas:

“São muito legais e preocupados, porque cuidar da criança não é fácil”; “Ótimos profissionais, ótimas pessoas esclarecendo muito a gente”; “São bons com atendimento bom”; “bastante atenciosos com as crianças e famílias”; “Atenciosas, tratam as pessoas com educação e as crianças também”; “Qualificadas”; Gosto porque são muito atenciosas, têm atenção pelas crianças, acho que é dom mesmo”; “Capacitadas”; “Profissionais treinados para melhor atender”; “Alguns são profissionais”; “Dedicadas”; “Com atendimento bom e que as crianças gostam”; “Mau humoradas e outras não”; “ Parte da família das crianças pelo carinho demonstrado”; “Gostei do trabalho, são profissionais”; “Responsáveis, carinhosas, dá liberdade e tem autoridade”; “Dedicadas, todas, até hoje”; “Do bem, estudadas e carinhosas”; “Professoras”; “Educadas”; Cuidam bem das crianças, algumas são bravas, mas se não for as crianças montam em cima”; “Ótimas profissionais e têm paciência”; Vejo como educadoras e professoras”.

Fica bem evidente o respeito com que os pais são tratados, pois a maioria acrescenta a educação, o respeito e a atenção como pontos fortes observados na equipe de profissionais da Instituição e o carinho que estes dispensam às crianças, com poucos relatos que se apoiam nas questões anteriores, mas que mesmo assim ainda descrevem uma persistência nessa visão de assistencialismo.

Discutiu-se também sobre o conhecimento que possuem sobre a essência da Educação infantil e, para isso, questionou-se sobre o que pensam ser a função dos

CMEIS, ou seja, “ para” que foram criados, relatando os responsáveis os seguintes pensamentos:

*“É um Centro educativo, começa preparando os primeiros conhecimentos”;
 “Educar a criança desde pequena, uma educação que os pais não conseguem dar”;
 “Por causa dos trabalhos das famílias e para evitar maus tratos com pessoas desconhecidas”;
 “Acolher e desenvolver as crianças, sinto o CMEI família, porque conheço todas as meninas”;
 “Ajudar os pais no trabalho”;
 “Para as crianças da comunidade”;
 “Cuidar das crianças”;
 “Ajudar as crianças e as famílias que precisam trabalhar”;
 “Para deixar os filhos”;
 “Melhor atender as famílias”;
 “Trazer o conforto e a segurança para as famílias que não podem pagar escola particular”;
 “Ajudar as famílias”;
 “Local que ajuda as famílias”;
 “Ajudar as famílias a cuidar dos filhos”;
 “Um lugar seguro, que os filhos possam ficar seguros”;
 “Para a sociedade ter onde colocar as crianças e trabalhar sabendo que a criança está em segurança”;
 “Facilitar a vida dos pais e melhorar na educação das crianças”;
 “Para as mães trabalharem”;
 “Para mães poderem trabalhar e ficarem seguras”;
 “Ajudar os pais que trabalham e que precisam”;
 “Ajudar as mães que não têm com quem deixar seus filhos”;
 “Pensar no ensino das crianças”;
 “Ajudar as mães que trabalham fora”;
 “Para dar suporte para os pais que trabalham e não têm onde deixar os filhos”;
 “Para desenvolver mais as crianças”;
 “Pelas crianças e mães que não têm como cuidar das crianças e não têm em quem confiar”
 “Lugar de Educação; educativo”.*

Foram questionados sobre questões que considerem difíceis, ou seja, dificuldades que encontram a respeito do trabalho efetuado, a saber:

QUAL A MAIOR DIFICULDADE QUE VOCÊ ENCONTRA NO QUE DIZ RESPEITO AO TRABALHO EFETUADO NO DIA A DIA?		
NÃO ENCONTROU NENHUMA DIFICULDADE		23
O HORÁRIO DA SAÍDA		02
PRESENÇA NAS REUNIÕES		01
NÃO CONSEGUE ENTENDER O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA		01

Nessa questão, 23 (vinte e três) pais, disseram não ter dificuldade alguma; dois citaram problemas com horários de pegar as crianças, isso levando-se em conta que o CMEI atende crianças com horários especiais até as 19h.

Um pai relatou sentir dificuldades no que se refere às participações em reuniões e uma mãe relatou a dificuldade de entender o desenvolvimento da criança, visto que ela, quando pequena, apresentava muitas limitações. Explicou também o fato dessas limitações impedirem que termine seus estudos. Desta maneira, tem medo que sua filha venha a ter as mesmas dificuldades.

Outro ponto questionado é a verificação de quais situações os responsáveis consideram que o CMEI, ou profissionais, poderiam fazer mais pelas crianças ou família:

EM QUAIS SITUAÇÕES VOCÊ CONSIDERA QUE O CMEI PODERIA FAZER MAIS PELA CRIANÇA OU PELA FAMÍLIA?	
NENHUMA	16
HORÁRIO ESTENDIDO	03
MUITA RIGIDEZ PARA LIBERAÇÃO DAS CRIANÇAS A OUTRAS PESSOAS, QUE NÃO OS PAIS	01
PERÍODOS DE FÉRIAS COM LOCAIS DE ATENDIMENTO MAIS PRÓXIMOS ÀS RESIDÊNCIA	01
AUXILIAR COM OS PROBLEMAS COMO PEDICULOSE	01
ATIVIDADES DIFERENCIADAS (PISCINAS)	01
DIFICULDADES EM PARAR DE AMAMENTAR	01
NÃO DEIXAR CRIANÇAS SE MACHUCAREM	01
HORÁRIOS DE ADAPTAÇÃO	01
AUMENTO DE VAGAS	01

Essa abordagem abre diálogo para que as famílias expressem suas dificuldades e o que consideram que poderia ser feito para auxiliá-las, sendo que 16

(dezesseis) consideram que não há nada que necessite ser feito e as demais relatam necessidades pontuais, relacionadas a algum fato ou incidente acontecido.

A última questão traz um tema gerador de muitas reclamações no CMEI, que é a questão que trata problemas de saúde das crianças e quais as considerações feitas pelos pais em como agir nestes casos, como segue:

EM CASO DE PROBLEMAS COM A CRIANÇA, OU COM A SAÚDE DESTA, COMO VOCÊ CONSIDERA SER A MELHOR FORMA DO CMEI AGIR?	
AVISAR A FAMÍLIA PARA VIR ATENDER OS FILHOS	18
EMERGÊNCIA O CMEI SE RESPONSABILIZA	04
DAR ASSISTÊNCIA NO CMEI	01
US PRÓXIMA PARA FACILITAR	01
O CMEI MEDICAR	01
TER MÉDICO PRÓXIMO OU CONVÊNIO PARA ATENDER	01
LIGAR PARA US PARA BUSCAR AJUDA	01

Na Unidade, essa é uma questão que causa muitas discussões. Aqui, a maioria relata que a forma correta de agir é avisar a família que busca auxílio nas Unidades de Saúde próximas, ou Unidades de Emergência, mas percebe-se uma pequena parcela que demonstra compreender essa situação como parte das responsabilidades que a Instituição de Educação deva assumir junto às crianças atendidas.

Na sequência, são analisados os dados fornecidos pelas educadoras que receberam o questionário. Da mesma forma que a proposta feita para os pais, não houve nenhuma identificação para as respostas dadas. Apenas onze profissionais decidiram participar, do total de vinte profissionais, perfazendo-se o total de 55% das educadoras.

As questões elaboradas, assim como o questionário aplicado aos pais, tinham em vista promover discussões, ideais, promover um espaço que pudessem expor suas ideias ou mesmo discordar dos temas abordados, que foram anotados.

A primeira questão abordada também se refere à escolaridade das educadoras, sendo a seguinte constatação:

ESCOLARIDADE DAS PROFISSIONAIS	
ESCOLARIDADE	QUANTIDADE DE PROFISSIONAIS
ENSINO MÉDIO COMPLETO MAGISTÉRIO	1
SUPERIOR COMPLETO (PEDAGOGIA)	8
SUPERIOR INCOMPLETO	02

Nesta abordagem, verifica-se que a grande maioria das profissionais na instituição se enquadra na obrigatoriedade que a Lei exige, já que a escolaridade mínima para essa etapa da Educação Básica é exigida o Magistério. Vale ainda acrescentar que destas, com curso Superior completo, três delas possuem Pós-Graduação completa, sendo uma com a especialização em Educação Inclusiva e duas em Alfabetização.

A próxima questão retrata a experiência na Educação Infantil e o tempo em que estão trabalhando na Rede Municipal de Curitiba:

	HÁ QUANTO TEMPO ATUAM NA EDUCAÇÃO INFANTIL?					
QUANTIDADE EM ANOS	2	5	8	10	11	14
QUANTIDADE DE EDUCADORAS	1	1	2	3	2	2
	HÁ QUANTO TEMPO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO?					
QUANTIDADE EM ANOS	2	3	8	11	20	25
QUANTIDADE DE EDUCADORAS	3	2	3	1	1	1

Nessa questão, percebe-se que a equipe possui grande experiência na Educação Infantil e que algumas delas puderam acompanhar as mudanças que ocorreram com a primeira etapa da Educação Básica, na cidade de Curitiba, a qual, apenas no ano de 2003, migrou da extinta Secretaria da Criança para a Secretaria da Educação.

Vale a pena destacar que as duas funcionárias que estão há mais de vinte anos na Rede Municipal de ensino entraram em outras funções, sendo uma com cargo de merendeira, função já extinta. Necessitaram então de adequações e formações específicas, para se encontrarem no quadro de educadoras no qual permanecem até hoje. A outra questão sugerida solicita respostas sobre o que cada educadora considera como importante, no que se refere ao atendimento oferecido às crianças, sobre a qual responderam:

“Considera-se importante o Aprender brincando, sob os cuidados dos adultos”; “O desenvolvimento como um todo”; “Sempre estamos dispostas a fazer o melhor pelas crianças e considero importante o acesso a passeios, a preocupação com cada caso de cada criança quando estas necessitam”; “Considero importante o meu comprometimento”; “Considero importante um espaço bem organizado, seguro, acolhedor e cheios de desafios para proporcionar o desenvolvimentos das aprendizagens e que o cuidar e o educar caminhem juntos”; “Considero importante a parte pedagógica”; “A dedicação e a afetividade com as crianças”; “O comprometimento e o vínculo com as crianças”; “Considero importante a oportunidade de se ter um espaço pensado para desenvolver as áreas de Formação Humana”; “O desenvolvimento cognitivo estimulado no CMEI”.

A próxima questão retrata o que pensam ser importante para as famílias com relação a esse atendimento:

“Acredito que seja importante para as famílias o cuidado”; “O cuidado”; “O CMEI procura da melhor forma atendê-las, porém nem sempre é possível agradar a todos”; “O cuidado. Os pais confiam na gente”; “Acho que seria interessante para as famílias uma orientação sobre o trabalho oferecido as crianças, para que as mesmas compreendam que CMEI não é só assistencialismo”; “Acho que seria importante um esclarecimento para as famílias, para que compreendam que o CMEI não é só para cuidar mas sim para educar”; “Acredito ser importante a informação, o esclarecimento do trabalho”; “Acho importante o diálogo, no que diz respeito ao seu filho”; “Considero importante no atendimento às famílias a comunicação clara sobre o que envolve a “sua” criança”; “Considero importante para as famílias ter a tranquilidade de saber que seus filhos estão sendo bem atendidos”.

A partir da indagação sobre o que cada educadora pensa ser importante para as famílias, questionou-se sobre a compreensão que os pais demonstram ter sobre o trabalho desenvolvido:

“A maioria não têm conhecimento sobre o trabalho desenvolvido, elas querem deixar o filho seguro, apenas”; “A maioria demonstra não ter conhecimento, por não participar ativamente das reuniões”; “Os pais não têm compreensão do trabalho desenvolvido, pensam que as crianças estão aqui para brincar e cuidar”; “Alguns possuem esta compreensão, bem poucos. Acham que temos que cuidar e pronto, mesmo falando sobre as áreas que são trabalhadas eles se preocupam apenas se o filho chega bem e se vai bem para casa”; “Não, muitas famílias nos passam a impressão que o CMEI é somente um depósito de crianças, onde elas deixam as 07:00 e pegam às 19:00, demonstram que querem é se livrar das crianças. Os pais não demonstram nenhum conhecimento, para eles é só assistencialismo, desconhecem o pedagógico”; “ As famílias demonstram não ter nenhum conhecimento, muitas acham que CMEI serve só para cuidar das crianças e pra elas o pedagógico não é importante”; “ Pouquíssimas famílias têm esse olhar, fazendo análise sobre os que têm essa compreensão, são mães que trabalham na área, mas a maioria não demonstra conhecimento algum”; “A maioria demonstra não ter compreensão, o conhecimento que demonstram é sobre o assistencialismo, apenas cuidamos”; “Acredito que a maioria não tem compreensão e o conhecimento que têm sobre o trabalho é um olhar assistencialista, que apenas cuidamos”; “ Os conhecimentos que os pais demonstram ter? Nenhum”; “Alguns pais demonstram ter compreensão e sobre o conhecimentos que demonstram é sobre o desenvolvimento das crianças”.

Vale ressaltar que os trabalhos desenvolvidos são explicados e exemplificados nas reuniões de pais, e após as explicações são entregues para as famílias as atividades e o parecer descritivo sobre o desenvolvimento individual, com explicações de cada área de desenvolvimento humana trabalhada pela turma, atividades e avanços apresentados pelas crianças de cada sala.

Questionou-se também como os pais são esclarecidos e informados sobre o trabalho desenvolvido e se, de alguma forma, eles questionam o trabalho, ou

atividades feitas com as crianças. Para essas indagações, foram dadas as seguintes respostas:

“Informamos os pais nas reuniões e na porta, de maneira rápida e raramente algum pai questiona o trabalho”; “ Esclarecemos os pais em reuniões com as famílias e se necessário individualmente; raramente os pais questionam, uma mínima porcentagem faz esse questionamento”; “Procuramos demonstrar o trabalho na reunião de pais e os pais não questionam”; “A única forma de esclarecimento é feita em reuniões e eles ainda nem participam; o trabalho nunca foi questionado”; “São esclarecidos por meio de reuniões com as famílias nos sábados letivos e eu diria que 1% questiona, porque muitos não participam das tais reuniões, o desinteresse é grande”; “Trabalha-se através das reuniões com as famílias, mas dificilmente eles vêm e nunca questionaram nada”; “Esclarecemos nas reuniões, mostrando segurança para os pais, conversando na porta com os mesmos, quando estes tem tempo e de forma alguma questionam o trabalho ou atividades”; “Esclarecemos no planejamento ou rotina, quando os pais são envolvidos e a maioria não questiona”; “É esclarecido nos trabalhos desenvolvidos, buscando clareza dos objetivos e os envolvendo nas rotinas do seu filho. Alguns questionam, ênfase sempre quando há exposições para que as famílias valorizem”; “ Os pais são esclarecidos através das integrações e atividades que os obriguem a participar, mas não questionam as atividades”; “Esclarecemos no dia da reunião com os pais e poucos questionam”.

Após as análises sobre o encaminhamento do trabalho, se questionou se consideram importante elaborar um projeto para se pensar em ações que proporcionassem a compreensão aos pais e os levassem ao esclarecimento, quem deveria arcar com essa responsabilidade e se os educadores se sentem preparados a trabalhar esse tema com as famílias. Para todas essas reflexões responderam:

“Deveria sim ser elaborado um projeto com os pais, porém não sei organizar tal projeto”; “Deveria sim ser elaborado o projeto, tentando trazer esses pais a participarem mais do desenvolvimento do filho, de repararem mais no desenvolvimento do filho, a responsabilidade deveria ser de toda a equipe e me sinto preparada para trabalhar com os pais, em alguns pontos, mas onde tudo se

planeja tudo pode acontecer”; “Deveria sim ser elaborado um projeto, a responsabilidade deveria ser da Pedagoga e da Diretora e me sinto preparada para tratar destes assuntos com os pais”; “Deveria ser elaborado um projeto, poderia ser responsabilidade dos educadores, junto com os pais em momentos de reuniões. Quanto à preparação acho que se tivesse algum curso que preparasse, seria melhor, pois temos receio de tomar decisões que considerem equivocadas”; “Deveria sim ser elaborado o projeto a cargo da Gestão Escolar”; “Deveria sim, de responsabilidade da parte pedagógica”; “Sim, deveria ser elaborado e a responsabilidade é de toda a equipe do CMEI, eu não me sinto preparada para trabalhar este tema, teria que conhecer melhor a comunidade, os pais, fazer levantamento e reuniões”; “Em reuniões já é feito e a responsabilidade é de todos”; “Isso de certa forma já é feito nas reuniões e depende de cada um na equipe”; “Acho necessário o projeto e a responsabilidade é da Pedagoga, pois é dela a responsabilidade de orientar o trabalho pedagógico, mas não tenho dificuldades em nenhum tema”; “Não acho necessário, pois ao fazer isso parece que estamos pedindo favor à eles”.

Através dessas respostas percebe-se que muitas divergências de opiniões e esclarecimentos aparecem, ficando a responsabilidade também na maioria das falas, atribuídas à equipe pedagógica e administrativa, mesmo que as respostas quanto a dificuldade em abordar esses temas seja negativa.

E como última abordagem pede-se que relate sua maior dificuldade no desenvolvimento do trabalho, que faça comentários que julguem necessários e que não foram abordados ainda:

“Quanto as dificuldades, em primeiro lugar são as adaptações o conseguir deixar os filhos, em segundo questão do piolho, que só no CMEI pega e o último são sobre as mochilas, roupas para as crianças que sempre faltam”; “A falta de compreensão e participação de alguns pais”; “A maior dificuldade é que os pais não olham a agenda e sobre o comportamento de seus filhos”; “A maior dificuldade é a falta de valorização, porque eles acham que nós só cuidamos, não têm idéia sobre nossa formação e o quanto a gente se especializa para trabalhar com as crianças”; “As maiores dificuldades são: o desinteresse, e a falta de parceria. Os pais colocam os filhos no CMEI pela manhã e acham que a obrigação é só vir buscar à tarde, não

querem se envolver em nada pedagógico, a parte da saúde da criança é bem complicado, pois necessita de vários encaminhamentos para unidade de saúde, passar os casos para a pedagoga acompanhar e mesmo assim o desinteresse pelo filho ainda é grande e existe descaso de alguns”; “ A maior dificuldade é quando as crianças estão doentes, ficam bravos quando damos o encaminhamento para levarem a criança ao médico”; “ Estamos aqui para educar e cuidar e a maior dificuldade é que eles vêm só o cuidar, então quem sabe se mudasse a nomenclatura que temos de “tia”, para professora, talvez os pais começariam a ver diferente”; “A maior dificuldade é o envolvimento no trabalho pedagógico”; “A maior dificuldade é em receber as devolutivas do que é solicitado, porque necessita certa insistência. Quero acrescentar que a tão sonhada e desejada parceria e democracia se encontram distantes, por mais que se faça e fale o encaminhar está rumando por caminhos distantes. Deve-se insistir da mesma maneira no contato diário e no criar vínculos com as crianças e famílias”; “Não tenho nenhuma dificuldade”; “A maior dificuldade é a falta de respeito pelo meu trabalho, demonstrado por muitos dos pais”.

Percebe-se, pelas diversas falas, que persistem as queixas sobre a desvalorização do trabalho realizado, reações que desfavorecem o trabalho pedagógico, descasos relacionados com as crianças, feitos pelos seus próprios pais e que são grandes problemas a serem enfrentados.

3.2 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES CONSIDERANDO CONVERGÊNCIAS, DIVERGÊNCIAS E ACRÉSCIMOS

Em análise aos diversos questionamentos feitos nesta pesquisa, com relação às diversas respostas dadas, percebe-se que, nessa pequena parcela da comunidade pesquisada, existe um tímido movimento de tomada de conscientização sobre o papel que a Educação Infantil ocupa. É interessante perceber as primeiras influências que o trabalho realizado no passado já faz nas atuais parcelas da sociedade, que voltam a utilizar essa prestação de serviço atual, com o olhar mais sensibilizado e com conhecimento maior sobre a primeira etapa da Educação Básica.

É certamente animador verificar a crescente capacitação que as atuais profissionais se propõem e a ação direta que as formações continuadas fazem para o trabalho e desenvolvimento das crianças.

Infelizmente, percebe-se também que esse movimento não é o suficiente para alterar o panorama que se verifica nesta Instituição, na qual a maior preocupação dos pais ainda se refere ao trabalho assistencialista, relativos ao cuidar, excluindo assim as insistentes ações empreendidas pela equipe como um todo.

Como se pôde observar, a questão da segurança das crianças é muito forte, juntamente com a questão financeira que aborda a decisão em deixar seus filhos como falta de opção, não como uma tomada de decisão consciente, tendo como intuito o desenvolvimento da criança.

A questão pedagógica foi abordada pelos pais de forma acanhada, e o retrato dessa falta de convicção quanto à consciência do trabalho realizado é confirmada na fala das educadoras quando descrevem o conhecimento que os pais demonstram possuir sobre o trabalho realizado.

As tomadas de conscientização dessa parcela da população atendida têm sido lenta, considerando-se o tempo de transformações que a Educação Infantil vêm passando, já que desde a LDB, em 1996, é clara a sua posição dentro da Educação Básica. Percebe-se uma tímida ascensão, que mantém a tendência de atualização e melhoras ao comparar com as atuais literaturas que retratam outras realidades na cidade de Curitiba.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As creches e pré-escolas passaram a ser, nos dias atuais um espaço de educação, sendo um lugar no qual a criança se desenvolve em suas potencialidades e de forma integral. Assim, é necessário que exista a consciência de que a Educação Infantil deve ser muito bem trabalhada com as famílias, despertando principalmente nos pais, a compreensão a respeito deste ambiente de aprendizagens, para que se possa proporcionar às crianças um meio social desafiador, de carinho, alimento, saúde e de segurança, na qual ela possa conviver e se desenvolver de forma integral.

Este trabalho sintetizou uma pequena visão deste Universo, na pesquisa realizada, que permitiu vislumbrar a tomada de consciência sobre o papel da

Educação Infantil que mesmo timidamente já aponta indícios de mudanças, por conta de trabalhos pedagógicos já realizados e implantados.

Verifica-se que o educador encontra-se inserido dialeticamente na prática e na teoria, buscando constantemente a reformulação do próprio pensar e fazer, já que seu trabalho implica em estabelecer vínculos com as crianças, com as quais trabalham, percebendo suas necessidades, possibilidades, tentativas e limites, refletindo sobre os planejamentos, as ações pedagógicas, os resultados obtidos, a partir dessas próprias observações.

Pelo fato de as instituições de educação infantil e seus respectivos profissionais de ensino infantil, estar uma grande parte do tempo com a criança, existem uma concepção ainda controversa por parte dos pais, que pensa caber também a estas o papel de não somente educar a criança, mas sim de cuidá-las de modo assistencial e compensatório, desempenhando o papel da família em relação à criança.

É preciso esclarecer que a função das instituições infantis vai além da assistência e do cuidado com a criança pequena, contribuindo com o desenvolvimento infantil, situando-se no âmbito de uma política socioeducativa de apoio a família. Essa socialização deve possuir um espaço fundamental nos objetivos da instituição para garantir a inserção da criança na cultura e na sociedade.

Com esse papel socializador, a instituição de educação infantil propicia o desenvolvimento da identidade das crianças pelas diversificadas e interativas aprendizagens. Portanto, as instituições de educação infantil promovem não só o cuidado, mas também aprendizagens sistemáticas, intencionais, orientadas através de brincadeiras e métodos lúdicos que garantem o desenvolvimento efetivo das capacidades infantis.

Abre-se a perspectiva, com esta pesquisa, da realização de novas ações, abrindo-se a novos conhecimentos, visto que esta obra reflete apenas as compreensões de um pequeno recorte da sociedade, devendo desta forma estender-se a outras vivências e comunidades, comprovando e/ou entendendo algumas questões que ficaram em aberto e que mereceriam ser investigadas e debatidas em outros trabalhos científicos.

REFERÊNCIAS

BÓGUS, Cláudia Maria *et al.* Cuidados oferecidos pelas creches: percepções de mães e educadoras. **Rev. Nutr.**, Out 2007, vol.20, no.5, p.499-514.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. Disponível em: http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/con1988_05.10.1988/con1988.pdf. Acesso em: 15 jul. 2014.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 26 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 15 jul.2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Pesquisa Nacional Caracterização das práticas educativas com crianças de 0 a 6 anos de idade residentes em área rural, 2012 v. 1. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12579%3Aeducacao-infantil&Itemid=859. Acesso em 15 jan. 2014.

CAMPOS, Maria Malta. A formação de professores para crianças de 0 a 10 anos: modelos em debate. In: **Educação & Sociedade**, (CEDES). n.69, Campinas: 1999.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GOMES, Alessandra de Fatima Borges, **A imprescindível relação entre os centros municipais de educação infantil (CMEIS) e as famílias em Curitiba**. Curitiba: UTP, 2011.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

SILVEIRA, Adrienne Galvão, O cuidar e o educar na educação infantil: Uma perspectiva para graduados em Licenciaturas. Anais do II Seminário de Pesquisa do NUPEPE. Uberlândia, 2010.

TERNOSKI, Teresa, **A dicotomia entre educar e cuidar na educação infantil**. Uma análise das funções de educadores e professores no município de Curitiba. [Trabalho de Conclusão de Curso].Curitiba: UFPR, 2011.